

EDITORIAL

Os pneumologistas jovens poderão ser ainda melhores

Na minha geração, os internos de especialidade aspiravam a ter um lugar no quadro do hospital onde se graduavam. Como o País tinha carência de especialistas, esta aspiração era plausível, embora pernicioso, convidando os internos de cada serviço a adoptar as posições e posturas públicas dos seus superiores hierárquicos de quem dependia o seu futuro no serviço. Este mecanismo de identificação, presente em muitos sectores das carreiras públicas, impediu o aparecimento de verdadeiras gerações de pneumologistas identificáveis transversalmente, apenas permitindo identificar um ou outro colega mais destacado. O pior risco deste período foi a tentação dos formadores de preparar médicos para funções específicas consideradas úteis aos respectivos serviços, sem cuidar de os preparar na globalidade médica e científica, nomeadamente deixando áreas de formação básica em níveis insuficientes.

Nos últimos anos os quadros dos hospitais centrais ficaram preenchidos e houve vagas a concurso em hospitais distritais. Apesar do processo que conduziu à fixação de médicos na periferia não ser exemplar, estes destacamentos vieram mostrar que havia profissionais polivalentes, aptos a ocupar quaisquer lugares disponíveis e deixou claro que, no futuro, a formação de especialistas se destina à sua colocação no mercado de trabalho, a preparação do pneumologista devendo ser assumidamente diferente, assegurando treino em todas as áreas da Pneumologia, nas suas atitudes e capacidades, nos conhecimentos teóricos e na sua capacidade de investigação clínica. Os próximos especialistas poderão vir a trabalhar como Pneumologistas "gerais" dentro de departamentos de Medicina ou serviços autónomos de Pneumologia, subspecializar-se na área pluridisciplinar dos Cuidados Intensivos ou seguir Carreira Académica.

Quando se reflecte sobre a prestação profissional dos médicos deslocados para hospitais distritais, tem-se uma imagem surpreendente do trabalho formativo que andámos a fazer. É um grupo heterogéneo com idades compreendidas entre 35-45 anos, provenientes de todos os serviços centrais e fizeram em pouco tempo um trabalho excelente. Alguns grupos especiais, com número mínimo necessário ao exercício como unidade autónoma, podem confrontar-se, com vantagem, com serviços de hospitais centrais.

*Com este panorama de fundo, sou conduzido a concordar que os **currícula** definidos pela Ordem dos Médicos e geralmente cumpridos nos hospitais, são muito satisfatórios. Isso prova*

Recebido para publicação em 95.6.27

apenas que somos capazes de formar especialistas do nosso nível, mas o verdadeiro núcleo da questão está em esclarecer se o nosso nível geral é satisfatório. Eu penso que não é. A modéstia da participação portuguesa na produção científica internacional (artigos publicados em revistas internacionais, participação liderante em congressos internacionais) é devida, entre muitas outras razões, à formação científica deficiente. Esta lacuna deverá ser colmatada por trabalho de formação no período de prégraduação, ou mesmo antes da chegada ao ensino superior. No que respeita às responsabilidades das sociedades científicas, importa ponderar o que é possível fazer durante o internato complementar para melhorar a formação.

Creio firmemente que o modelo de formação que utilizamos precisa de acções formativas complementares exteriores aos serviços, em áreas de ponta do conhecimento médico e, sobretudo, das disciplinas científicas básicas. É necessário, mais do que adquirir conhecimento, aprender a produzir conhecimento. Para este ensino complementar precisamos do recurso a especialistas muito diferenciados, muito raros e, geralmente, muito ocupados. O modo de facultar aos internos a oportunidade de frequentar cursos residenciais, tem sido com a sua deslocação ao estrangeiro, ficando assim limitado a uma pequena minoria. É curioso verificar, contudo, que as bolsas de estudo disponíveis pela SPP têm sido mais solicitadas para estágios em serviços de prestígio para aprendizagem de técnicas (laser, pleuroscopia) do que para cursos de investigação.

*Tal como outras organizações científicas, a SPP concluiu que é necessário e possível criar cursos residenciais capazes de colmatar algumas lacunas e melhorar o nível da Pneumologia. A convergência conseguida com o Colégio de Pneumologia da Ordem dos Médicos e a valorização curricular prevista no decreto de titulação única obriga-nos a dar mais esse passo. Em Outubro haverá um **Work-shop**, convocado pelas direcções da SPP e do Colégio de Pneumologia da Ordem, para discutir o assunto com os responsáveis pela formação de internos em todo o país. Embora os nossos jovens pneumologistas sejam dos melhores, creio que ainda poderão melhorar.*

J. AGOSTINHO MARQUES